

# POEMAQUI

PEDRO WILLGNER

Pedro Willgner (24 anos) nasceu em Brasília. Graduado em Letras - Português e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), é poeta e professor de língua portuguesa. Possui poemas esparsos em revistas como Aboio e Sarabatana.

**Quando se pensa o corpo, o pensamento sobre o "aqui" se faz complexo à medida em que se leva em consideração o "estar em cena" temporal e espacialmente. Quer dizer: o estar no espaço seria algo sobre se posicionar em algum local ou se localizar neste lugar? Quem diria o corpo seria sua própria delimitação ou, previamente, o espaço em que se encontra? Para além disso, o tempo "aqui e agora", restritamente preciso e limitado, não seria apenas uma redução de tantoa fragmentos permeados por uma ficcionalidade que pensamos para as lacunas que encontramos (lacunas que também podem ser sentidas nesses corpos, que nunca conseguem se restringir a um espaço circunscrito)?! A proposta foi fazer esse passeio por um corpo que se sente a partir de lances de sensibilidade e afetação aguda mediante os músculos e pensar o quanto disso seria "próprio" do corpo que sente, e quanto seria resposta de uma memória não tão fugidia. No fim, o "aqui" nunca se concretiza pleno, e o que subjaz seria o método mais próximo de dizer o corpo no espaço e no tempo: um acúmulo desses arrepios, formigamentos e adormecimentos da materialidade.**

**memória,  
corpo,  
frio.**

[7/3, 10:58 PM]

me valendo da cor da caneta azul claro  
presente de aluna em tom meio português um  
ciano difícil  
faço um círculo no calendário à quinta-feira

quinta feira — dia sete — a noite  
quinta feira — dia cinco — o silêncio na noite  
quinta feira — dia nove — anoto conforme o silêncio circunspecto  
à noite  
à noite :

*estou em silêncio  
sobre uma marca de investigação debaixo do chuveiro  
contorço minhas costas para caber  
caindo  
dentro da torrente gelada*

destaco a data do mesmo jeito que as pessoas cerceiam uma área  
do jeito tal  
qual das bordas de uma piscina  
numa só rajada o perímetro  
sua extensão  
insuficiente à toda a minha causa e consequência

o azul me dirá tudo

entrar no chuveiro gelado é  
antes de tudo meu  
método  
de alongamento e  
contração das costas  
intumescendo as coxas rígidas dedos  
dos pés batendo as pontas  
unhas flexibilizando costelas  
numa graça ainda tão pequena...

uma delicadeza ainda tão pequena  
não menos primitiva  
de se relembrar o corpo competindo suas distâncias na torrente

quando penso nas distâncias  
penso na minha amiga aline  
qual o exato momento durante o nado ela em específico deve esquecer o  
[comprimento de uma borda à outra  
o ponto  
em que os rasgos n'água são muito mais importantes às costas  
suas escápulas  
que imagino tão frágeis parecendo anjos se abrindo se  
fechando asas  
debatendo às geleiras minúsculas do tecido

os tecidos :  
quando me perco de costas  
imaginando meu plexo bem pequeno a  
dorsal mínima  
lembro que desenvolvi uma dor fantasma no tecido da escápula espinhal  
uma dormência da mesma maneira  
com que se disfarça a violência na pele —  
sua extensão  
uma afetação meio sem juízo  
descargas elétricas compondo a cena os  
ombros  
numa dobra sob a pele num desleixo que só  
sem traquejo neste ponto cego

estou buscando ao longo dos dias em segredo  
reanimar os tecidos  
me suspendendo os membros aos banhos gelados  
o banheiro e cada ladrilho seu desnivelado  
desalinhadados numa cor degelo

este azul desbotado  
me debatendo pequenezas na água  
ainda me dirá tudo

quinta-feira de noite  
água gelada me lembra

1. aline
2. um músculo perdendo a sensibilidade
3. minha mãe

minha mãe  
toda a sua paciência em banhar conforme  
cada gota cada pasto das suas costas  
se entrecortando por canaletas

pés firmes  
nunca a vi pulando o corpo  
debatendo contra a parede quão forte o atrito  
quão forte o rebento  
como a mim

quinta feira — dia seis — edito esse poema  
o visito pensando naquela quarta-feira oito e quatorze da manhã horário  
[de brasília dia de céu cor difícil  
matiz que se recusam a dizer pois o clima  
não era algo que valesse marcação

você sabe quão fria sua mãe estava  
quando você nasceu  
você se lembraria se pudesse  
da carne exposta na maca todo o tom fraco de pele  
próximo ao tecido voil transparente da sala de observação

sem tinta ciano  
sem a minha avó austerando cada cômodo durante minha gestação  
vejo as costas da minha mãe pelas fotos da gravidez  
ela magra sem sustento à lombar pequena  
a sala de casa escura  
o sofá pequeno no canto direito onde tudo o que ela comia  
era sorvete de abacaxi

ninguém nunca soube me dizer quantos graus fazia durante o parto  
durante o parto  
minha mãe quase morreu  
o seu quadro de pneumonia a deixou fraca  
instável  
oscilando  
o corpo debatendo pequeno acho contra a cama quão  
forte o atrito  
quão forte o rebento de caber igual uma torrente dentro do hospital

amo sorvete de abacaxi  
amo ficar me iludindo comendo os pedaços da fruta do mesmo modo  
com que já engoli moedas areia massinhas giz pastel chiclete pelas tardes  
[sozinho enquanto criança  
às vezes que me arremessaram ao hospital como consequência dos  
[meus atos  
às vezes em que cada arremesso do meu corpo lançado à casa  
serviu à boca um aviso  
de uma criança qualquer tentando marcar  
nem que fosse pelo dente  
uma rota de fuga  
tremeliqueira dos ossos debatendo  
desde aquela quarta feira dia  
dezessete  
em que você me viu em  
silêncio